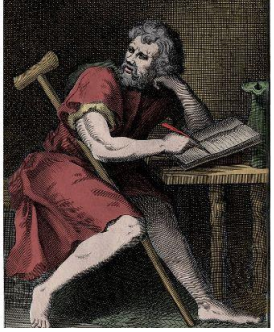


ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 50, Janeiro-Abril 26



O ESTOICISMO DE EPICTETO E SUAS RELAÇÕES COM A FILOSOFIA SOCRÁTICA: NOTAS SOBRE A HARMONIA ENTRE *BIOS* E *LOGOS*

EPICTETUS' STOICISM AND ITS RELATIONS TO SOCRATIC PHILOSOPHY: NOTES ON THE HARMONY BETWEEN BIOS AND LOGOS

Priscila Céspede Cupello[40]

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre as relações entre a filosofia estoica de Epicteto e a filosofia socrática, principalmente, focando na importância da harmonia entre *logos* e *bios* para ambos filósofos. Embora cronologicamente separado de Sócrates por quase cinco séculos, o ex-escravo frígio adotou a figura de Sócrates como o paradigma supremo do sábio. Sendo assim, o *Encheiridion*, enquanto síntese das lições de Epicteto compiladas por Arriano, evidencia uma orientação socrática ao priorizar a filosofia como prática existencial diretamente aplicada à vida.

PALAVRAS-CHAVE: Epicteto; Sócrates; Filosofia Antiga; Ética; Política.

ABSTRACT: This work aims to reflect on the relationship between the Stoic philosophy of Epictetus and Socratic philosophy, focusing primarily on the importance of harmony between *logos* (reason) and *bios* (life) for both thinkers. Although chronologically separated from Socrates by nearly five centuries, the Phrygian former slave adopted the figure of Socrates as the supreme paradigm of the sage. Consequently, the *Enchiridion*—as a synthesis of Epictetus' lessons compiled by Arrian—demonstrates a Socratic orientation by prioritizing philosophy as an existential practice directly applied to life.

KEYWORDS: Epictetus; Socrates; Ancient Philosophy; Ethics; Politics.

[40] Doutora em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica (PPGLM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora em estágio pós-doutoral com bolsa FAPERJ-Nota10.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre as relações entre a filosofia estoica de Epicteto e a filosofia socrática, principalmente, focando na importância da harmonia entre *logos* e *bios* para ambos filósofos. Para pensar essas relações usaremos autores franceses como Michel Foucault e Pierre Hadot e autores brasileiros, como o pesquisador e tradutor Aldo Dinucci e Marcos Baliero.

Nem Sócrates e nem Epicteto escreveram as principais obras das quais conhecemos como seus ensinamento, como respectivamente, os *Diálogos* de Platão e o *Manual* de Epicteto. O pensamento de Epicteto nos chega através de seu aluno Lúcio Flávio Arriano Xenofonte "cidadão romano de origem grega, que compilou (possivelmente com auxílio da taquigrafia) suas aulas em oito livros (As Diatribes de Epicteto), dos quais quatro sobrevivem, e constituiu o *Encheirídion*, uma síntese das ideias de Epicteto" (DINUCCI, 2012, pp. 3-4). No prefácio das *Diatribes*, Arriano sugere explicitamente que sua intenção ao registrar as falas de Epicteto era fazer pelo mestre o que Xenofonte fizera por Sócrates (o gênero conhecido como *Sokratikoi logoi* ou discursos socráticos). De acordo com o pesquisador Marcos Baliero:

> Os preceitos que encontramos no *Encheiridion* são uma espécie e síntese das aulas transmitidas por um discípulo, Arriano. Desse modo, podemos inferir que Epicteto estaria, a exemplo de Sócrates, mais preocupado em ensinar uma filosofia que fosse diretamente informada pela vida prática, ainda que não se opusesse à ideia de que seus preceitos circulassem por meio de transcrições (2021, p. 38)

De acordo com o pesquisador Aldo Dinucci, "O Estoicismo surge na confluência do pensamento de Heráclito, de Sócrates e dos cínicos" (2012, p. 5). No que tange a Sócrates, os estoicos o consideram o "exemplo máximo onde se realiza uma filosofia voltada para a construção de um homem integralmente forte e livre" (2012, p. 5). Embora cronologicamente separado de Sócrates por quase cinco séculos, o ex-escravo frígio adotou a figura de Sócrates como o paradigma supremo do sábio. Sendo assim, o *Encheiridion*, enquanto síntese das lições de Epicteto compiladas por Arriano, evidencia uma orientação socrática ao priorizar a filosofia como prática existencial diretamente aplicada à vida. Veremos mais aprofundadamente a relação entre *bios* e *logos* no item a seguir.

A harmonia entre *bios* e *logos*

Segundo o filósofo francês Michel Foucault, em seu último curso ministrado no *Collège de France* e transformado em formato de livro e intitulado "*A Coragem da Verdade*" (2009), na história da filosofia, Sócrates inaugura a vida filosófica como aquela comprometida com a coerência entre aquilo que se pensa e como se age. Segundo Foucault, a filosofia socrática é uma prática de cuidado permanente de si mesmo e dos outros. A virtude está na eterna vigilância, ou seja, ser sentinela de si mesmo. A filosofia socrática é tanto uma atividade intelectual como um modo de vida.

Michel Foucault destaca que a grande mensagem que Sócrates quer passar aos seus companheiros é a importância do cuidado de si (*epimeleia heautou*), daquilo que realmente se é. Porque é preciso que se reverta o olhar para si mesmo e se examine constantemente as opiniões que alicerçam nossas vidas para que possamos revisar, criticar e reinventar todos os valores pelos quais nos guiamos. É preciso que a gente olhe para si com a perspectiva da possibilidade de mudança, de movimento e de exame das opiniões. Podemos destacar essa característica da filosofia socrática no pedido realizado por Sócrates aos seus amigos próximos, logo após sua condenação à morte.

> Só lhes peço uma coisa: quando meus filhos crescerem, senhores, castigai-os e os importunai-os como eu vos importunei, sempre que os virdes mais preocupados com riquezas ou com seja o que for do que com a virtude; e no caso de imaginarem ser alguma coisa, não sendo, de fato, coisa alguma, repreendei-os como vos repreendi, por não cuidarem do que devem e pensarem que têm algum valor, quando realmente, nada valem. Se assim fizerdes, ter-me-eis tratado com justiça, a mim e a meus filhos (Platão, *Apologia*, 41e-42a).

De acordo com Foucault (2009), Sócrates dedicou toda a sua vida para manter a harmonia entre *bios* e *logos* e após sua morte teremos a expansão dessa prática filosófica, principalmente com o estoicismo e o cinismo. Em V e LI,2 do *Manual de Epicteto*, Sócrates é apontado como exemplo de vida em conformidade com a razão. De acordo com Aldo Dinucci:

> A filosofia, desde Sócrates e através daqueles que, como Epicteto, seguiram-no, torna-se a busca da sabedoria pela razão – sabedoria que nos possibilita bem viver ou viver de modo pleno e feliz. Para Sócrates, a filosofia tem como tarefa construir moralmente o homem através do

> bem pensar e da ação que concorde com esse bem pensar. Epicteto segue essa concepção de filosofia, deixando isso claro em várias passagens do *Encheirídion* (2012, p. 12)

Encontramos menções ao comportamento de Sócrates, como um exemplo a ser seguido no *Manual de Epicteto* como no fragmento a seguir:

> Jamais te declares filósofo. Nem, entre os homens comuns, fales frequentemente sobre princípios filosóficos, mas age de acordo com os princípios filosóficos. Por exemplo: em um banquete, não discorras sobre como se deve comer, mas come como se deve. Lembra que Sócrates, em toda parte, punha de lado as demonstrações, de tal modo que os outros o procuravam quando desejavam ser apresentados aos filósofos por ele. (EPICTETO, *Manual*, XLVI)

O historiador e filósofo francês Pierre Hadot, em suas pesquisas sobre os "exercícios espirituais", posiciona Epicteto como alguém que transforma a dialética socrática em uma prática de vida contínua. Em obras como "O que é a Filosofia Antiga?"(1999) e "Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga" (2014), Hadot demonstra que para Epicteto, a filosofia não é um sistema de doutrinas, mas um "modo de vida" (conceito fundamental de Hadot). Hadot destaca que a figura de Sócrates serve como a "máscara" ou o arquétipo que Epicteto assume para ensinar que a virtude é um saber prático e uma escolha interior inabalável. De acordo com Pierre Hadot:

> Sócrates inspirou, ao mesmo tempo, Antístenes – fundador da escola cínica, que preconizava a tensão e austeridade e deveria influenciar profundamente o estoicismo – e Aristipo – fundador da escola de Cirene, para quem a arte de viver consistia em tirar o melhor partido possível das situações que se apresentavam concretamente, que não desdenhavam o repouso e o prazer e deveria, também, exercer influência considerável sobre o epicurismo –; mas ele influenciou igualmente Euclides – fundador da escola de Mégara, célebre por sua dialética. Um único de seus discípulos, Platão, triunfou na história, seja porque soube conferir a seus diálogos um imperecível valor literário, seja antes porque a escola que fundou sobreviveu durante séculos, salvando assim seus diálogos e desenvolvendo ou mesmo deformando sua doutrina. Em todo caso, um ponto parece comum a todas essas escolas: com elas aparece o conceito, a ideia de filosofia, concebida, nós o veremos, como um discurso vinculado a um modo de vida e como um modo de vinda vinculado a um discurso (Hadot, 1999, p. 48-49).

De acordo com Aldo Dinucci, podemos encontrar neste diálogo *Apologia de Sócrates* escrito por Platão "o princípio estabelecido por Epicteto no Capítulo I do *Encheirídion*", no qual se afirma que "nenhuma fatalidade externa nem a vontade de qualquer homem podem produzir em nós dano moral. A injustiça que sofremos só nos tornará injustos se o deixarmos. O homem tem sempre a possibilidade de manter sua dignidade, ainda que na morte." (Dinucci, 2012, p. 40).

O cuidado de si, entre Sócrates e Epicteto

Quando Foucault dirige seu olhar para a Antiguidade e elege Sócrates como o "homem do cuidado de si" (Foucault, 2001, p.10), ele não apenas se interessa em estudar o que supostamente ficou conhecido pela tradição filosófica socrático platônica, mas principalmente pela filosofia do modo de vida socrático, ou seja, a forma como Sócrates relacionava-se com as pessoas, vivia sua vida e sua conduta perante a morte. De acordo com Frédéric Gros: "o exame socrático requer esse pensamento pensante, e não um pensamento pensado (a lição que recitamos, o dogma que repetimos)" (Gros, 2018, p. 94)

O tema do cuidado de si atravessa algumas perguntas, tais como: quem se é? O que exatamente é preciso melhorar? De que modo se pode melhorar a si mesmo? Que tipos de conhecimentos são precisos adquirir ou descobrir para se tornar uma pessoa melhor? É preciso destacar que a interpretação foucaultiana não nos leva a concluir um conjunto de dogmas a serem seguidos para cuidar de si mesmo, mas propõe pensar a filosofia socrática pela perspectiva cética, marcada pela concepção do sábio ignorante, ou seja, de uma sabedoria definida pela consciência de seu não saber e da filosofia entendida pela busca constante pelo conhecimento, justamente, pela consciência de que se sabe.

Essa trajetória existencial é a do sujeito que se constrói enquanto experiência ativa, ou seja, aquele que age sobre si mesmo buscando melhorar-se. Alcibíades foi o porta-voz do questionamento socrático do "cuidado de si" ao dizer que "Sócrates me obriga a reconhecer para mim mesmo que, ainda que eu seja deficiente sob tantos pontos, persisto em não cuidar de mim mesmo e em me ocupar somente com os negócios atenienses" (Platão, *Banquete*, 216a). Na *Apologia de Sócrates* de Platão (30e), Sócrates apresenta-se como aquele que tem o ofício de incitar os outros a cuidarem de si mesmos. Sócrates se compara ao tavão, um inseto que persegue e importuna os animais e afirma

que os atenienses que sofrerão com a sua morte, pois não terão mais ninguém a incitá-los a cuidarem de si. De acordo com Foucault,

> O cuidado de si constituiu, no mundo greco-romano, o modo pelo qual a liberdade individual – ou a liberdade cívica, até certo ponto foi pensada como ética. Se se considerar toda uma série de textos desde os antigos diálogos platônicos até os grandes textos do estoicismo tardio – Epícteto, Marco Aurélio... – ver-se-á que esse tema do cuidado de si atravessou verdadeiramente todo o pensamento moral [...] nos gregos e romanos – sobretudo nos gregos – para conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer – eis o aspecto familiar do *gnôthi seauton* – e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo. Para os gregos, a liberdade individual era muito mais importante – contrariamente o que diz o lugar comum, mais ou menos derivado de Hegel, segundo o qual a liberdade do indivíduo não teria nenhuma importância diante da bela liberdade da cidade: não ser escravo (de uma outra cidade, daqueles que o cercam, daqueles que governam, de suas próprias paixões) era um tema absolutamente fundamental; a preocupação com a liberdade foi um problema essencial, permanente, durante os oito grandes séculos da cultura antiga. Nela temos toda uma ética que girou em torno do cuidado de si e que confere à ética antiga sua forma particular. Não digo que a ética seja o cuidado de si, mas que, na antiguidade, a ética como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo fundamental: 'cuida-te de ti mesmo' (Foucault, 1994, p. 712).

O cuidado de si envolve técnicas variáveis de escuta, escrita, memorização, exame, domínio das paixões e outros. Somente quando se cuida de si mesmo é que é possível cuidar dos outros e criar condições necessárias para que os outros consigam cuidar de si próprios sozinhos. Ou seja, é uma prática que gera autonomia, liberdade e independência. De acordo com Frédéric Gros:

> Esse cuidado de si (*epimeleia heautou*, em grego; cura sui em latim) não designa uma postura de recolhimento narcísico, como se se tratasse de fazer de si um objeto de cuidado, estético e/ou hipocondríaco, constante e exclusivo. O mal entendido provém da interpretação do "si". Não se trata de cuidar de si no sentido de uma postura egoísta, individualista, mas de permanecer vigilante nesse núcleo ético que habita cada um. Sócrates é aquele que se dirige a seus compatriotas para lhes dizer: "Vejo-vos cuidar facilmente de vossas riquezas, de vossas reputações, de vossos prazeres. Mas de vós mesmos realmente, será que cuidais realmente?". Esse "si" não é o eu egoísta das preferências, tampouco o eu íntimo, profundo, secreto, especialidade dos psicólogos do desenvolvimento pessoal, aquele a ser redescoberto, reconquistado

> em sua autenticidade para além do verniz da educação e o jugo das socializações. O si de que se trata, e que constitui o objeto, o conteúdo do cuidado socrático, traçando o volume ético da relação de si para si, é esse "fundo" a partir do qual eu me autorizo a aceitar ou recusar tal ordem, tal decisão, tal ação. É a alavanca da desobediência (Gros, 2018, p. 93-94).

O cuidado de si implica uma ação que se faz em si mesmo buscando a soberania de si sobre si e cria as condições de possibilidade de uma prática sobre o outro, possibilitando a existência de ferramentas para que este outro prossiga no cuidado de si mesmo de modo autônomo. Foucault destaca a dificuldade que é para as pessoas de reverterem o olhar para si próprias e modificar as suas ações:

> Se todos em princípio são capazes de aceder à prática de si, também é fato que, no geral, poucos são efetivamente capazes de ocupar-se consigo. Falta coragem, falta força, falta resistência – incapazes de aperceber-se da importância desta tarefa, incapazes de executá-la: este, com efeito, é o destino da maioria (Foucault, 2001, p. 115).

Logo "ocupar-se de si não é, portanto, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida" (Foucault, 1997, p. 123). Logo, o tema da liberdade individual era um problema do *êthos*, de um certo modo de se conduzir, de se portar. "O *êthos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, pela maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos" (foucault, 1994, p. 714). A conduta ética precisa ser investida de um *êthos* "bom, belo, honroso, respeitável, memorável e que possa servir de exemplo" (Foucault, 1994, p. 714). Nesse sentido, a ética (*êthos*) se articula a uma liberdade que também é política. "Ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem de seus apetites, o que implica estabelecer consigo mesmo uma certa relação de domínio, de controle, chamada de *arkhé* – poder, comando" (Foucault, 1994, p. 714) que implica também uma certa maneira de cuidar de si e dos outros, por isso

> é importante, para um homem livre que se conduz adequadamente, saber governar sua mulher, seus filhos, sua casa. Nisso também reside a arte de governar. O *êthos* também implica uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizades. Além disso o cuidado de si implica também uma relação com o outro, uma vez que

> para cuidar de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si (Foucault, 1994, p. 714).

Foucault destaca que, nessa ontologia de si, o cuidado de si vem "eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária" (Foucault, 1994, 714). Nessa lógica do cuidado de si, ele destacou que "uma cidade na qual todo mundo cuidasse de si adequadamente funcionaria bem e encontraria nisso o princípio ético de sua permanência" (Foucault, 1994, p. 715). O governo de si é importante para o governo da pólis. O abuso do poder e a escravidão colocam em risco o exercício da liberdade, visto que o tirano é escravo de seus desejos. "O bom soberano é precisamente aquele que exerce seu poder adequadamente, ou seja, exercendo ao mesmo tempo seu poder sobre si mesmo. É o poder sobre si que vai regular o poder sobre os outros" (Foucault, 1994, p. 716).

O problema socrático é justamente: "como ensinar a virtude e como dar aos jovens as qualidades e os conhecimentos necessários, seja para viver, seja também para governar direito a cidade?" (Foucault, 2009, p. 27). A *parresía* socrática é aquela que convida a jogar o jogo da verdade. Ou seja, é necessário que haja alguém disposto a dizer a verdade e outro a escutá-la. Como acontece no Laques (187a), em que Nícias comenta que, embora tenha iniciado uma conversa com Sócrates sobre assuntos banais, no final o diálogo torna-se um questionamento sobre o modo como nos conduzimos nas nossas vidas.

Considerações finais

Tanto o cinismo quanto o estoicismo foram estudados por Foucault como escolas herdeiras do posicionamento iniciado por Sócrates. Podemos dizer que mais que uma verdade a proferir, Sócrates defendia uma atitude virtuosa perante a vida. Pierre Hadot afirma que "por esse apelo ao ser do indivíduo, a trajetória socrática é existencial" (Hadot, 2014, p. 105). Pierre Hadot destaca que a filosofia socrática é "inteiramente exercício espiritual, novo modo de vida, reflexão ativa, consciência viva" (2014, p. 106).

Michel Foucault enfatiza que a grande mensagem que Sócrates quer passar aos seus companheiros é a importância do cuidado de si (*epimeleia heautou*), daquilo que realmente se é. Porque é preciso que se reverta o olhar para si mesmo e se examine

constantemente as opiniões que alicerçam nossas vidas para que possamos revisar, criticar e reinventar todos os valores pelos quais nos guiamos. É preciso que a gente olhe para si com a perspectiva da possibilidade de mudança, de movimento e de exame das opiniões. Epicteto enfatiza que devemos desejar viver como Sócrates:

> Deste modo Sócrates realizou-se: de todas as coisas com que se deparou, não cuidou de nenhuma outra, exceto a razão. E tu, mesmo que não sejas Sócrates, deves viver desejando ser como Sócrates. (Epicteto, *Manual*, LI)

Portanto, seguindo esse olhar que vê uma linha de continuidade entre as filosofias de Sócrates e Epicteto, podemos pensar que o cuidado de si não é para a manutenção de um si que é a essência do sujeito, mas para permitir a abertura para a reflexão e a mudança. É a eterna vigília de si mesmo, a fim de não cometer injustiças, para um constante agir refletido. E esta forma de viver é arriscada, é mais difícil, implica sempre uma ação refletida, uma atitude crítica.

Referências

DINUCCI, Aldo**.** *Introdução ao Manual de Epicteto*. Tradução do texto grego: Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão. Universidade Federal de Sergipe, 2012

EPICTETO. *Diatribes de Epicteto: Livro I*. Tradução de Aldo Dinucci. Impressa da Universidade de Coimbra, 2020.

EPICTETO. *O Manual de Epicteto*. Tradução do texto grego: Aldo Dinucci; Alfredo Julien. Introdução e notas: Aldo Dinucci. São Cristóvão. Universidade Federal de Sergipe, 2012

FOUCAULT, Michel. *Le Courage de la vérité*: Le Gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France (1984). Paris: Gallimard, 2009.

FOUCAULT, Michel. L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. In: _____. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. t. 4, pp.708-729

FOUCAULT, Michel. L'herméneutique du sujet: Cours au Collège de France (1981-1982). Paris, GallimardSeuil, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France* (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GROS, Frédéric. *Desobedecer*. São Paulo: UBU Editora, 2018.

HADOT, Pierre. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. São Paulo: É realizações, 2014.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo. Edições Loyola, 1999.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates, Críton*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, Belém, 2015.

PLATÃO. *Laques, Eutífron. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2015.*

PLATÃO. *O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores, 3).